

# WALDEMAR MENDONÇA E O GRUPO INFANTIL DE COMÉDIAS NA PERSPECTIVA DE UM TEATRO SADIO À SUA ÉPOCA

Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz<sup>1</sup>  
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO)

## RESUMO

Na intenção de contribuir com o registro de parte da história do teatro para as infâncias no Brasil, este artigo aborda a existência do Grupo Infantil de Comédias - GIC (1941-1968), conjunto amador que nasceu por iniciativa do professor, ator e dramaturgo Waldemar Mendonça para oferecer "diversão apropriada e sadia" à garotada do Recife. Ocupando principalmente palcos dos subúrbios, o GIC apostou num repertório com textos de caráter fantasioso, educativo, patriótico ou religioso. Ao final de cada apresentação, além da distribuição de presentes e a realização de concursos, era comum um ato variado. Para além da ingenuidade artística, a iniciativa ofereceu teatro contínuo a preços populares em áreas periféricas e introduziu centenas de meninos e meninas no mundo artístico. Apoiado em registros na imprensa e nos poucos livros que citam o grupo, a proposta é revisitar seus ideais, repertório e dificuldades que o fizeram resistir por 27 anos.

**Palavras-chave:** história do teatro brasileiro; história do teatro pernambucano; infância; teatro amador; teatro infantil.

## ABSTRACT

Aiming to contribute to the documentation of the history of theater for children in Brazil, this article examines the existence of the Children's Comedy Group (Grupo Infantil de Comédias - GIC, 1941-1968). This amateur ensemble was founded by teacher, actor, and playwright Waldemar Mendonça to provide "appropriate and wholesome entertainment" for children in Recife. Primarily performing on suburban stages, the GIC embraced a repertoire of plays with fantastical, educational, patriotic, or religious themes. At the end of each performance, it was common to have gift distributions, contests, and a variety act. Beyond its artistic simplicity, the initiative offered continuous theater at affordable prices in peripheral areas and introduced hundreds of boys and girls to the artistic world. Based on press records and the few books that mention the group, this study revisits its ideals, repertoire, and the challenges that sustained its 27-year existence.

**Keywords:** history of Brazilian theater; history of theater in Pernambuco; childhood; amateur theater; children's theater.

## O passado em meninice

Não lembro quem a indicou, mas gostei do jeito dela e do interesse em ocupar o seu tempo com pesquisas sobre o teatro. Cleide Silva era uma senhora

---

<sup>1</sup> Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e jornalista formado pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), além de ator, professor, curador, crítico e historiador do teatro, organizador de acervos e autor de vários artigos e livros. E-mail: leidson.ferraz@gmail.com.

com mais de 60 anos, ainda loura, de olhos claros, figurinos exuberantes e muita simpatia. Veio trabalhar comigo no levantamento de matérias jornalísticas para um projeto que concluí em junho de 2015, o e-book *Um Teatro Quase Esquecido: painel das décadas de 1930 e 1940 no Recife*, financiado pelo Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco (Funcultura).<sup>2</sup> O curioso é que ela não me contou que já tinha tido relação com o teatro antes disso. Precisou que eu, por algum motivo que não recordo, falasse do professor Waldemar Mendonça – principal figura deste artigo – e imediatamente as memórias de Cleide vieram à tona, pois ela me garantiu que teve contato com tal senhor quando ainda era muito criança, vencendo um concurso de beleza infantil que ele havia organizado.

Minha assistente de pesquisa estava se referindo a um dos inúmeros eventos que aquele educador, também diretor teatral, ator e dramaturgo, além de radiador de novelas, realizara desde o início da década de 1940 à frente do Grupo Infantil de Comédias (GIC), núcleo que está nos primórdios do teatro especificamente dedicado a meninos e meninas no Recife. Mas antes de passarmos aos detalhes da trajetória de tão curioso conjunto, que surpreendentemente sobreviveu por 27 anos tornando-se sinônimo de longevidade na produção cênica pernambucana para o público mirim, compartilho a única imagem que Cleide guardou daquele seu momento de glória:

Figura 1 - Concurso “Qual a menina mais bonita do auditório?” (1955)



<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/pesquisa-resgata-a-memoria-do-teatro-pernambucano/>.

**#paratodomundover:** A vencedora Cleide Silva, ainda muito criança, bem ao centro da imagem, cercada por familiares e amigos, todos à frente da “caixa do ponto”<sup>3</sup> com as iniciais GIC. Na lateral direita, o Líder do Grupo Infantil de Comédias, Waldemar Mendonça.

A intenção deste artigo é inventariar as atividades do Grupo Infantil de Comédias – mesmo sem acesso a nenhum dos textos que o conjunto levou à cena – e abrir espaço para a reflexão sobre suas intenções e repertório, tendo por base registros da imprensa. O GIC foi criado no Recife em 1941, já conquistando o recorde de récitas teatrais para crianças naquele ano, dez no total, tornando-se referência das iniciativas teatrais para tal público na cidade. Liderado por Waldemar Mendonça (o autor mais encenado naquele ano), o conjunto surgiu num momento em que poucas peças eram voltadas às infâncias na capital pernambucana, pois as primeiras atrações que as reconheceram como público-alvo, com dramaturgias específicas para suas idades, surgiram em 1939, quando o teatrólogo Valdemar de Oliveira lançou o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa.

Dando início às matinais infantis dominicais no Teatro de Santa Isabel, ele produziu três grandes operetas infantis até 1941, *A Princesa Rosalinda*, *Terra Adorada* e *Em Marcha, Brasil!*, todas com texto e direção dele próprio, um sucesso absoluto.<sup>4</sup> Provavelmente influenciado por iniciativa tão vitoriosa, Waldemar Mendonça quis lançar o seu próprio conjunto de crianças no teatro, com idades entre 5 e 15 anos, tendo como diferencial a ocupação de espaços em bairros periféricos, principalmente palcos dos cíneteatros, clubes e centros paroquiais ou operários nos subúrbios recifenses.

Contando com elenco sempre renovado, o GIC apostou num variado repertório cômico, musical e dramático bem próprio àquela época, com textos de caráter fantasioso, educativo, patriótico ou religioso. Ao final de cada apresentação, além da distribuição de presentes e a realização de concursos que objetivavam revelar estrelas e astros mirins, era comum abrir espaço para um ato variado com destaques artísticos. Para além da ingenuidade artística da equipe, sempre com uma “lição de moral” em cada obra apresentada, a iniciativa de Waldemar Mendonça – homem de poucos recursos financeiros, mas que lutou bravamente para manter o

---

<sup>3</sup> O “ponto” era a função que, de uma caixa embutida no proscênio do palco, numa espécie de cúpula, lia em voz baixa a peça, sem que a plateia percebesse (tentava-se, pelo menos), para suprir possíveis lapsos de memória dos atores e atrizes.

<sup>4</sup> Mais detalhes: FERRAZ, Leidson. *Teatro Para Crianças no Recife: 60 anos de história no século XX (Volume 01)*. Recife: Ed. do Autor, 2016.

seu sonho de dar “diversão apropriada e sadia” à meninada –, além de oferecer teatro contínuo a preços populares em subúrbios da capital pernambucana entre as décadas de 1940 e 1960, introduziu centenas de meninos e meninas no mundo artístico.

### **Um devotado amor ao teatro**

Reproduzindo o que tinha aprendido na Troupe da Boa Vontade e no Conjunto Artístico do Feitosa, ambos trabalhando com espetáculos adultos no Teatro Livramento, no bairro do Feitosa<sup>5</sup>, durante toda a existência do GIC, Waldemar Mendonça concluía as suas apresentações com atos variados, dando ressalte aos principais artistas do conjunto em números de canto, dança, poesia e interpretação, além de convidados especiais, todos também crianças. Nesse momento havia ainda o aguardado sorteio de brindes “às senhorinhas e à petizada”, como se costumava falar, e a promoção de competições ligadas à beleza ou dotes artísticos. Foi numa delas, provavelmente em 1955, com o concurso “Qual a menina mais bonita do auditório?”, voltado para garotas dos 5 aos 12 anos, que a minha assistente Cleide Silva acabou premiada.

As intenções do Grupo Infantil de Comédias sempre foram se tornar um instrumento de iniciação social para crianças e adolescentes através do fazer teatral e da convivência frequente, o que não quer dizer que não tenha tentado elevar sua categoria artística (não mais para uso nas escolas, quintais e salas de casas de famílias, como antes, mas nos palcos, concorrendo pelo público em geral com as outras atrações da cidade). Como professor que sempre foi, Waldemar Mendonça pretendeu inspirar nos seus petizes, através das escolhas do seu repertório – quase todo construído pelo próprio, sendo ele o diretor exclusivo de todos os trabalhos –, um comportamento adequado na vida individual e coletiva, estimulando a sensibilidade intelectual e a atenção às atividades cênicas com regularidade, dando-lhes claras intenções educacionais, morais, cristãs e patrióticas.

---

<sup>5</sup> Situado na Estrada de Belém, entre as estações da Encruzilhada e Hipódromo, o Teatro Livramento surgiu em 1910 por iniciativa da Sociedade Dramática do Feitosa, que atuava naquela localidade desde 1907, pois o conjunto amador resolveu construir um outro edifício para os seus espetáculos (o primeiro era constantemente chamado de “teatrinho” do Feitosa), pretendendo ainda ter uma biblioteca franqueada ao público no local. O nome foi em homenagem a Antônio Livramento, ator, ensaiador e cenógrafo, um de seus mais prestimosos sócios.

Nessa convivência com a garotada, para além da ênfase moralista nos bons costumes, ele prestou um inestimável serviço no binômio “diversão útil e ensinamento”, quer no campo da educação, quer na formação de futuros espectadores e artistas. Para termos ideia de sua importância, o crítico e pesquisador teatral Joel Pontes (1966) teceu o seguinte comentário no livro *O Teatro Moderno em Pernambuco*, o primeiro a fazer algum registro sobre a trajetória do GIC:

O Grupo Infantil de Comédias teve o elenco exclusivamente composto de crianças, o que lhe dava certo caráter de “fechado” e impossibilitava a manutenção demorada do mesmo naipe de atores. Não obstante, enquanto funcionou, amparou muitas vocações que, na idade adulta, se tornaram úteis às estações de rádio e de televisão, mais do que ao teatro [...], o Grupo nunca teve outro diretor de espetáculos além do seu responsável geral, Waldemar Mendonça [...]. Escreveu ele, para o seu conjunto, mais de 20 peças, não se interessando em editar nenhuma por considerá-las exclusivas do Grupo. [...] Registre-se, portanto, a abnegação extrema [...] por um homem pobre, sem nenhum proveito pessoal (as rendas se destinavam a instituições pias), sem procurar sequer usufruir os méritos de escritor. Não os ponho em discussão, nem creio que as finalidades do grupo sejam atingidas – “proporcionar às crianças o desenvolvimento cultural e artístico” – mas não se pode passar sem uma referência de humana compreensão pelo esforço de uma vida inteira, quando existe nela a cônica certeza de que é assim que se deve ensinar às crianças o amor do teatro (Pontes, 1966, p. 56-57).

## Diversão apropriada

A fundação do conjunto amador se deu no dia 2 de maio de 1941, mas a estreia no palco só aconteceu a 15 de junho – os ensaios para o primeiro espetáculo consumiram pouco mais de um mês, afinal, era preciso estabelecer confiança com o grupo e descobrir as potencialidades de diferentes individualidades infantis. A comédia em 2 atos *O Prêmio de Boas Notas*, texto do próprio diretor Waldemar Mendonça, foi exibida num domingo pela manhã, às 10 horas, a preços populares, com as crianças pagando metade do valor. O elenco inicial reuniu os atores mirins Cleópatra Guimarães, Mário Guimarães, Maria Eunice Rocha, Ana Borba, Nelson Gusmão, Vanilda Melo, Luísa Aguiar, Maria Freire, Edite Accioly, Nanete Miranda e Letícia Aguiar. Houve sorteio de brindes para senhoras e crianças, além do ato variado.

Todas as primeiras sessões aconteceram no “Cineteatro Olinda, do Feitosa”, como já era chamado o antigo Teatro Livramento<sup>6</sup>, mas diversos outros palcos também foram ocupados pela equipe, incluindo o Teatro de Santa Isabel (bem raramente, mas com a primeira permanência lá ainda em dezembro de 1941, no mesmo ano de seu surgimento) e os teatros do Derby, do Atlético, do Parque, do Clube Ciclista do Recife e do Instituto do Prado. Os demais lugares foram o Cine Eldorado, no Largo da Paz, em Afogados; o Cinema Encruzilhada e a sede do Moinho Recife Esporte Clube, ambos na Encruzilhada; a Fábrica da Macaxeira, no bairro homônimo; o Educandário Jesus Crucificado, o Centro Paroquial Frei Casimiro e o Clube Lítero-Recreativo Mário Sette, em Campo Grande; o Salão da Sagrada Família, em Tejipió; os Centros Educativos Operários dos bairros Santo Amaro, Afogados, Pina, Cordeiro e Água Fria; além de visita aos municípios de Olinda (no Salão Pio X e no Cine Duarte Coelho), Timbaúba (Salão Paroquial), São Lourenço (Flamengo Atlético Clube) e Igarassu (Colégio Sagrado Coração de Jesus).

A renda dos ingressos cobrados, além de bancar parte do empreendimento, incluindo a manutenção da equipe técnica envolvida (os adultos, todos profissionais, eram pagos), também podia ser direcionada a campanhas benéficas. Ou seja, além de amador (já que seus principais artistas, as crianças, não recebiam cachê), o GIC costumava se dedicar à filantropia. Na noite de 14 de dezembro de 1948, por exemplo, com sessão especial às 19h30, no Teatro de Santa Isabel, Waldemar Mendonça apresentou a sua peça dramática em 2 atos e 4 quadros, com música de Lourival Santa Clara, *Recompensa de um Sacrifício*, em favor de uma viúva com cinco filhos menores. De acordo com o documento de pauta daquela casa de espetáculos (Pauta..., 1948, p. 79), 263 espectadores prestigiaram a apresentação.

Mesmo com o diretor custeando a maior parte das montagens, junto à esposa Laura Mendonça, colaborações com outros grupos também aconteceram.

---

<sup>6</sup> O Cinema Olinda estreou no Teatro Livramento em 19 de julho de 1911, com cinco fitas diárias programadas, numa iniciativa da Empresa de Cinemas do Recife, oferecendo sessões duplas às quintas-feiras, sábados e domingos. Quando a Sociedade Dramática do Feitosa ia exibir seus espetáculos sociais mensais, as sessões cinematográficas eram canceladas. Após consertos na plateia, entre 1912 e 1914 foi o Cinema Nordisk que passou a funcionar por lá, como novo estabelecimento de diversões, agendando, além de projeções cinematográficas, raras exibições de artistas nos intervalos dos filmes. A programação era prestigiadíssima pelo público, sendo o estabelecimento “um dos mais concorridos pontos de diversões desta capital” (CINEMA..., *Jornal do Recife*, 6 jan. 1913, p. 2). Em abril de 1920 foi a vez do Cinema Feitosense existir por lá e, nos anos de 1923 e 1924, o Cine-Palais. Era comum a imprensa lembrar que ali era um “confortável e higiênico estabelecimento de diversões” a oferecer “espetáculos familiares”. Com o passar do tempo, o Teatro Livramento passou a ser chamado de “Cineteatro Olinda, do Feitosa”.

Convidado pela Melpômene Pernambucana ao Cine Duarte Coelho, em Olinda, por exemplo, na data 28 de novembro de 1946, o Grupo Infantil de Comédias pôde mostrar o melodrama em 2 atos de Heronides Silva, *Filhos do Sol*, seguido de números variados em homenagem às famílias olindenses. É provável que esta obra trate do período escravagista, pois entre as personagens há uma preta velha, um coronel e um feitor. Como ação benéfica, o valor de uma centena dos ingressos foi direcionado ao Natal das Crianças Pobres promovido pelo extinto núcleo municipal da Legião Brasileira de Assistência.

Foi ainda com a peça *Filhos do Sol*, no Cineteatro Olinda, que a turma fez um benefício interestadual para a Capela de Nossa Senhora do Carmo, do município de São Bento, nas Alagoas, ainda em 1944. O elenco do GIC, naquele tempo, era composto por Ana Borba, Teresinha Souza, Maria Borba, Isabel Barbosa, Mário Guimarães, Angelina de Oliveira, Edvaldo Barreto e Luís Queiroga.<sup>7</sup> Ao completar seu sétimo aniversário de fundação, em 1948, sempre oportunizando teatro às crianças e famílias dos subúrbios, o GIC ganhou até uma resenha estimulante de um crítico teatral bem rigoroso do período, Júlio Barbosa, que assinava a coluna *Teatro*, do *Diário de Pernambuco*:

Numa cidade como esta, em que fazer teatro é a coisa mais difícil do mundo, não só à falta de elementos capazes, como de recursos, manter um grupo teatral constitui heroicidade, sobretudo em se tratando de conjunto infantil. Todavia, bem ou mal, Waldemar Mendonça vai levando o seu grupo, à custa de sacrifícios ingentes, fiel à mania que tem de fazer teatro infantil no Recife. E assim já se passaram sete anos. Resta apenas que prossiga no seu apostolado, despertando nas crianças o gosto pela arte ou descobrindo valores reais que possam configurar, mais tarde, em grandes elencos e conseguir grandes cartazes (J. B. [Júlio Barbosa], *Diário de Pernambuco*, 23 mai. 1948, p. 5).

Coincidência ou não, somente naquele ano de 1948 o Grupo Infantil de Comédias passou a receber um pequeno incentivo financeiro por parte da Municipalidade, ainda que o prefeito Morais Rêgo tenha tentado um veto àquela conquista. Mas a Comissão de Legislação e Justiça da Prefeitura do Recife deu parecer favorável à subvenção, decretada e promulgada pela Câmara Municipal

<sup>7</sup> Luís Queiroga e Jorge Rodrigues (pseudônimo de Jomir Austregésilo), ex-integrantes do GIC, tornaram-se dois talentos das estações de rádio e televisão no Brasil, sendo aquele primeiro o criador de personagens humorísticos como o Coronel Ludugero (vivido pelo comediante caruaruense Luiz Jacinto).

através da Lei nº 127. Mesmo diante de insistentes pedidos, a Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco não fez o mesmo e a equipe teve que amargar essa frustração. Tudo indica que, para além dos atrasos no repasse da verba, a partir de 1956 a subvenção deixou de existir e Waldemar Mendonça nunca pôde concretizar o sonho de construir e inaugurar um teatro popular próprio.

Independente das despesas cada vez maiores, nesse desenvolver do gosto artístico nos pequenos e de distraí-los simultaneamente, assim como havia a alternância de elencos, a de espetáculos mensais também era constante. Quando da apresentação do drama *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, em 1950, no palco do Teatro do Atlético, no populoso bairro de Afogados, o crítico Isaac Gondim Filho fez um registro impulsionador à equipe, mesmo compreendendo fragilidades artísticas inerentes. Preferiu, então, ressaltar as suas tantas idas a lugares da periferia do Recife:

Falhas e defeitos há, e grandes, e naturalmente o seu diretor bem os conhece e também é muito capaz de poder saná-los. O que ele, naturalmente, leva em conta para não suprimi-los rapidamente será com certeza o espírito de independência e valorização das próprias tendências artísticas dos seus pequeninos dirigidos. Deixa-os um tanto à vontade para não prejudicar-lhes a naturalidade e a espontaneidade, e também para não limitar-lhes as vocações que são tão patentes [...], levando um teatro honesto e educativo, motivo de divertimento e instrução, às crianças de quase todos os arrabaldes, especialmente àqueles onde o público infantil é mais numeroso, mais humilde e que entretenimento sadio não pode facilmente conseguir. Diante desta argumentação, tudo o mais deve ser silêncio (Gondim Filho, *Jornal do Commercio*, 28 nov. 1950, p. 4).

Problemas havia. Desde 1949, como o arrendatário do Cineteatro Olinda, Clóvis Barreira, fugiu ao compromisso verbal que havia feito, o grupo passou a se exibir com maior regularidade no Teatro Leopoldo Machado, no mesmo bairro do Feitosa, agora com contrato firmado. A partir de 1950 o Grupo Infantil de Comédias foi ocupar o Teatro do Derby, prestando homenagem ao coronel Viriato de Medeiros e ao major João Rodrigues, que permitiram a volta das atividades teatrais naquela casa de espetáculos. Itinerando por variados espaços a partir de então, inclusive com retornos ao palco do Cineteatro Olinda, o de maior permanência foi mesmo o Centro Paroquial Frei Casimiro, junto à Matriz de Nossa Senhora do Bom Parto, na Estrada de Belém, no bairro de Campo Grande.

O lugar se tornou sua principal sede a partir de maio de 1953, graças ao apoio do cônego Gilberto Carneiro Leão. Lá, as estreias aconteciam quase que mensalmente, priorizando textos com caráter educativo e religioso, sempre abrindo espaço para o ato variado final, além da distribuição de presentes. Para tanto, o grupo reservava uma contribuição mensal à Matriz, a título de compensação pelo uso do seu teatro. Naquele ano, o crítico Isaac Gondim Filho voltou a publicar palavras de entusiasmo à continuidade do grupo:

Numa cidade como a nossa, pobre de diversões sadias para as crianças, sobretudo as dos arrabaldes, é o Grupo Infantil de Comédias o único dos nossos conjuntos com as atenções voltadas para o grande público de guris que não têm diversão apropriada. Além do mais, a nosso ver, o grande mérito [...] é o de despertar nas crianças o gosto pelas coisas sérias do teatro. E desperta-o não só nos pequeninos atores e atrizes, como também na legião de pequeninos assistentes. [...] muitos deles continuam a fazer parte de outros grupos, agora como adolescentes ou mesmo como adultos. [...] Essa a grande virtude de Waldemar Mendonça: formar os artistas e as plateias do futuro. Por isso, apontamos a todos o bom exemplo a seguir (Gondim Filho, *Diário de Pernambuco*, 21 mar. 1953, p. 6).

Abro um parêntese para registrar a participação de imprescindíveis auxiliares, como Lourival Santa Clara, cantor sacro, professor, maestro sempre ao piano, criador das canções originais e diretor musical de praticamente todas as montagens; além de Gerson Vieira, João Vieira – amigos de Waldemar Mendonça desde o início da carreira de ator – e João Carlos, todos os três trabalhando como “ponto”; além de Lídio Guimarães na carpintaria; Efigênio Oliveira, Josafá Pereira e João Carlos na maquinaria; Artur Magalhães no controle de som; Rudy Barbosa na contrarregragem; o pintor João Pimentel a cargo dos cenários; e o redator-secretário do jornal *Folha da Manhã Matutina*, Cleofas de Oliveira, que sempre deu grande ajuda na divulgação.

Durante a comemoração do 13º aniversário do Grupo Infantil de Comédias, em 1954, o seu criador e diretor deu um testemunho à imprensa sobre as enormes despesas que enfrentava, ainda que à frente de atores e atrizes amadores:

Somente quem convive no ambiente teatral pode avaliar o quanto é dispendioso manter-se um conjunto dessa natureza. [O GIC] possui um certo número de auxiliares, relativo ao de uma companhia teatral, os quais, como é natural, trabalham mediante remuneração. São eles o “ponto”, maquinistas, porteiro, bilheteiro, pintor de telas que

anunciam os espetáculos, cenógrafo, conjunto regional de música para acompanhamentos de números de canto, controlista de som e serventes. Temos, ainda, despesas de passagens de ônibus para os artistas que residem longe do local onde ensaiamos, medicamentos para nossa farmácia de emergência, além de outras despesas imprevistas. [...] Por esse motivo, tenho lutado com grandes dificuldades, sacrificando até parte do meu ordenado, a fim de não assistir à destruição da obra que edifiquei há tantos anos, a qual tem sido de grande utilidade para as crianças, que têm diversão apropriada e sadia (*Apud TREZE..., Folha da Manhã Matutina*, 6 mai. 1954, p. 11).

Figura 2 - Waldemar Mendonça, o criador e gestor do Grupo Infantil de Comédias



Foto: Acervo Projeto Memórias da Cena Pernambucana.

#paratodomundover: O diretor do GIC, um senhor branco, careca, de óculos redondos, vestido com paletó branco e gravata listrada.

### Temas para a boa conduta

Desse repertório quase que “exclusivo”, sem chance de ser publicado ou por outros grupos encenado, constam muitas comédias, incluindo uma carnavalesca, além de burletas, dramas, melodramas e peças sacras, todas concebidas pelo próprio Waldemar Mendonça. São obras dele: *O Prêmio de Boas Notas*, *O Canto do Sabiá*, *A Culpa dos Pais*, *Um Criado de Sorte*, *O Rouxinol da Fazenda*, *A História do Mendigo*, *Astúcias do Primo Zeca*, *Quem Será o Palhaço?*, *Meu Sertão*, *Ao Cair da Tarde*, *Dindinha Lua*, *Cenas e Melodias*, *As Flores da Padroeira*, *Você me Conhece?*, *Um Devoto de São Benedito*, *Episódios da Vida*, *A Filha do Operário*, *As Duas Marias*, *O Poder da Fé*, *A Princesa Maluca*, *A Pequena Cigana*, *Papai Noel*,

*Registro Civil de Nascimento, Quando Chega a Felicidade, Santa Terezinha do Menino Jesus, Os Dez Mandamentos, Recompensa de um Sacrifício, O Goleiro do Fortaleza e Reminiscências*, todas com músicas de Lourival Santa Clara; e *Céu de Meu Brasil*, com canções de Antônio Paurílio.

Waldemar Mendonça ainda adaptou *O Nascimento de São João Batista*, junto ao padre Hipólito Pedrosa, e *O Mártir do Calvário*, do teatrólogo português Eduardo Garrido, provavelmente entre novos títulos. De outros autores, montou o que lhe chegava às mãos, quase sempre de dramaturgos-educadores, num período de raríssimas publicações de teatro. Talvez por isso conste trabalhos ainda do século XIX, a exemplo das peças curtas *A Avozinha e Almas do Outro Mundo*, do carioca Figueiredo Pimentel, ou editadas bem no início do século XX, como as obras *O Corvo e a Raposa* e *A Borboleta Negra*, do maranhense radicado no Rio, Coelho Netto; *Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo*, do carioca Carlos Góis; *A Madrasta*, da baiana Amélia Rodrigues; *Suave Milagre*, do português que veio ainda jovem se instalar em São Paulo, José Vieira Pontes; e *O Chocolate*, do alemão naturalizado brasileiro, Frei Pedro Sinzig.

Parte destas peças foi viabilizada em livros por editoras religiosas, ou seja, há um compromisso com parâmetros morais da Igreja Católica. Vale lembrar que o Grupo Infantil de Comédias é bem anterior ao surgimento da produção dramatúrgica de autores como Lúcia Benedetti, Tatiana Belinky, Júlio Gouveia e Maria Clara Machado, para citar os que ganharam maior projeção em todo o Brasil nas primeiras montagens profissionais de adultos para crianças. Entre os parceiros locais, há escolhas de peças do ator e diretor Heronides Silva (*Fruta da Terra, Flor do Mato e Filhos do Sol*); do jornalista José Emídio de Lima (*Rosinha, a Filha do Bosque*); de Jomar Austregésilo (*Inveja e Amor Materno*), jovem que se lançou como dramaturgo aos 16 anos, em 1942; do professor Josué Leite (*Buscando a Felicidade*); e uma adaptação bíblica em parceria com o padre Hipólito Pedrosa (*O Nascimento de São João Batista*).

Pelo respeito à missão tão devotada, as referências na imprensa ao criador desse coletivo sempre o louvaram e o adjetivaram num lugar especial, de apostolado, de abnegação, de persistência, de idealismo e até de heroicidade no teatro infantil recifense. Assim, independentemente da qualidade do que levava à cena, e muito pela sua constância de amador (no melhor sentido da palavra, de quem ama o que faz), continuou por muitos anos o Grupo Infantil de Comédias o ser

o símbolo do teatro direcionado à infância no Recife. Em maio de 1965, na celebração do seu 24º aniversário, o grupo já havia contabilizado 374 apresentações realizadas (todas com a presença do “ponto”), quatorze delas em benefício de instituições pias e religiosas, por variados palcos.

Figura 3 - Painel de alguns artistas do Grupo Infantil de Comédias



**#paratodomundover:** reunião de 12 rostinhos de meninos e meninas do GIC.  
As imagens foram extraídas de vários jornais.

Quantas às peças encenadas, como não temos mais acesso à dramaturgia produzida por Waldemar Mendonça, talvez perdida para sempre, preciso destacar que, de outros autores, ele foi buscar criações bem antigas, presentes, por exemplo, no segundo livro de teatro lançado para crianças no Brasil, ainda no início do Século XX, *Theatro Infantil*, publicação de 1905, de autoria de Olavo Bilac e Coelho Netto.<sup>8</sup> O pesquisador Sidmar Silveira Gomes (2019), no artigo “Uma revisão do teatro infantil: entre o teatro escolar e o espetáculo de arte”, lembra que houve um comentário elogioso no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro<sup>9</sup>, quando do lançamento daquela obra:

---

<sup>8</sup> A publicação, composta por comédias em 1 ato e monólogos, traz seis peças de Coelho Netto na primeira parte: *O Corvo e a Raposa*, *A Borboleta Negra*, *A Carta*, *O Avô*, *A Boneca e Carapuça*; e se completa, na segunda parte, com mais seis textos de Olavo Bilac, todos em versos: *O Presunçoso*, *O Mundo Está Torto*, *As Bonecas*, *Quando eu For Grande*, *O Nariz* e *A Mentirosa*.

<sup>9</sup> THEATRO Infantil. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12 jun. 1905. Bibliografia. p. 3.

O autor da nota define como principal função do livro a educação, oferecendo matéria para um estudo interessante. Pondera ter o *Theatro Infantil* a qualidade de recrear de forma inteligente as crianças, lançando, por meio de monólogos e comédias, conselhos bons, sabidos e práticos (Gomes, 2019, p. 489).

Ou seja, no estilo sempre buscado pelo GIC: obras de entretenimento, mas que instruíssem ao mesmo tempo, contribuindo para a formação de caráter dos *mignons* e induzindo-lhes ao bom comportamento. Ainda segundo aquele pesquisador, a comédia *O Corvo e a Raposa*, de Coelho Neto, uma das peças apresentadas pelo Grupo Infantil de Comédias em 1955, dava ênfase à importância da alfabetização como forma de ascensão social, pois a trama ocorre durante uma aula particular em que “um irmão pouco dedicado aos estudos é desmascarado por ter copiado uma redação de seu irmão estudioso, seguindo-se assim que se deve estudar em vez de se deixar levar pela preguiça” (*Ibidem, idem*).

Já na única peça que foi exibida no Teatro do Parque – a 7 de maio de 1961, com o grupo celebrando vintes anos de atuação e a participação de 138 meninas e 100 meninos desde o início dos seus trabalhos<sup>10</sup> –, a obra *A Madrasta*, drama em 1 ato da educadora baiana Amélia Rodrigues, publicada em Salvador no ano de 1917,

---

<sup>10</sup> Vasculhando inúmeros jornais e programas de espetáculos, constam no elenco do GIC: Adeilde Rodrigues, Aldeci Rodrigues, Ana Borba, Angélica Oliveira, Angelina de Oliveira, Augusto Alves, Augusto Faria, Antônio de Pádua, Carlos Roberto, Carlos Vieira, Catarina Ângela, Cleópatra Guimarães, Conceição Marques, Denise Barbosa, Dirceu Pessoa, Edite Accioly, Edite Lopes, Edvaldo Barreto, Eliana Cavalcanti, Ely Cavalcanti, Etiene Cavalcanti, Eugênio Presta, Evaldo Botelho, Evaldo Gonçalves, Evanil Gonçalves, Geraldo Torres, Gildete Araújo, Gilsoneide Soares, Gilsonete Soares, Gilvanete Oliveira, Glauce Barros, Guido de Souza, Hugo Cavalcanti, Humberto Neves, Iêda Barros, Inalda Ferreira, Isabel Barbosa, Iveraldo Silva, Janete Pessoa, Jarbas Holanda, Jarbas Pereira, Jeanine Darcy, Jeferson Sousa, Jefferson Barbosa, Jessé Pires, João Guimarães, Jomir Austregésilo Lima, José Botelho, José Cavalcanti, Josemar Matos, Josemar Silva, José Pessoa, José Veríssimo, Juvêncio Nobre, Letícia Aguiar, Lindalva de Andrade, Lourdinha Andrade, Lourdinha Oliveira, Lúcia Pedrosa, Luísa Aguiar, Luís Queiroga, Luiza Guimarães, Luiz Carlos, Luiz Vanderlei, Lúcia Alves, Manoel Ferreira, Marçal Arruda, Marcos Antônio, Margarida Pires, Maria Anunciada, Maria Auxiliadora, Maria Borba, Maria Castilho, Maria da P. Cavalcanti, Maria das Graças, Maria do Carmo, Maria Frassinete, Maria Guimarães, Maria Lúcia de Barros, Maria Luiza Guimarães, Mariana Andrade, Maria Eunice Rocha, Maria Freire, Maria Nancy, Maria Rocha, Maria Teresa, Marilda Queiroz, Marilene Santos, Marilene Sousa, Marília Matos, Marlene Sousa, Marli Sousa, Mário Guimarães, Marluce de Abreu e Lima, Marly Barbosa, Marly Rocha, Marly Veríssimo, Milton Miranda, Minervina Pinheiro, Nadeje Albuquerque, Nanete Miranda, Napoleão Pereira, Nelson Gusmão, Nildes Botelho, Nize Rocha, Olegário Fialho, Paulo Lacerda, Paulo Roberto, Reginaldo Sousa, Rita de Cássia, Rivaldo Nascimento, Romero Nascimento, Roserval Barbosa, Rudy Barbosa, Severino Pinheiro, Sílvia Viana, Socorro Guimarães, Sônia Maria, Suzana Barros, Terezinha Souza, Valderez Pessoa, Valéria Matos, Vânia Lacerda, Vânia Maria, Vanilda Dias, Vanilda Melo, Vera Lúcia Queiroz, Vilma Dias, Virgínia de Fátima, Yolanda Rocha, Zaíra Tavares, Zezé Lopes e Zito Vieira, além da participação de outros artistas mirins nos atos variados, como Elisabete Bezerra (a baianinha), Elivan Gonçalves, Glória Maria, João Luna, Maria Anunciada, Raquel Botelho, Reginaldo Magalhães Filho (o garoto sanfoneiro), Severino Costa, Sônia Barros, Teresa Maria (declamadora) e Wharthom de Nóbrega.

é o tema de *A Gata Borralheira* quem ganha destaque. Isso por conta de uma menina enteada que sofre agruras da tia rica, mas “A ideia básica é de não se maltratar nem humilhar os necessitados. A religião ainda aparece como vetor central da peça” (Alves, 2016, p. 259), segundo nos informa a pesquisadora Ivia Alves. Tudo no sentido de divertir educando, ou vice-versa.

### **Festivais, congraçamento e o silêncio histórico**

Entre os outros artistas amadores ou profissionais, o Grupo Infantil de Comédias foi reconhecido pelos pares. Em 1959, por exemplo, o conjunto integrou um festival artístico em comemoração ao 2º aniversário de fundação do Teatro do DCT, localizado no 6º andar do edifício dos Correios e Telégrafos no Recife, com a comédia *O Chocolate*, do Frei Pedro Sinzig; e ainda foi convidado para compor o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, junto a outros cinco elencos locais arregimentados pelo Movimento de Cultura Popular (MCP), Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP) e Secretaria Municipal de Educação e Cultura. O evento ocorreu de 15 a 25 de dezembro de 1963, com o GIC estreando *O Goleiro do Fortaleza*, texto e direção do seu gestor, no Teatro de Santa Isabel.

No mesmo local, em maio de 1966, para comemorar 25 anos de atividades ininterruptas, a equipe promoveu a comédia musicada *Reminiscências*, respectivamente com texto e músicas dos parceiros Waldemar Mendonça e Lourival Santa Clara. Reunindo ex-integrantes e os atuais componentes, além de convidados, a récita conseguiu atrair um público bem expressivo, 700 pessoas (Pauta..., mai. 1966, p. 170). Em novembro do ano seguinte, voltando àquele palco, a equipe integrou ainda o I Festival de Teatro de Pernambuco (Fetepe), organizado pela APATCCP (Associação Profissional de Atores Teatrais, Circenses, Cenógrafos e Cenotécnicos de Pernambuco), retomando a peça *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, num domingo, às 10 horas, para 260 espectadores (Pauta..., nov. 1967, p. 189).

O evento tinha caráter competitivo, mas o Grupo Infantil de Comédias participou como *hors concours* devido à sua importância, hoje quase desconhecida. Provavelmente a morte do seu mentor, em data ainda não encontrada por esta pesquisa, pouco depois daquela derradeira exibição, deve ter posto fim à continuidade do grupo. No entanto, o certo é que, independentemente da conduta

conservadora que sempre lhe deu, ainda que reconhecida por todos como honesta e prioritariamente educativa, a infância mereceu uma especial atenção do “apóstolo da arte teatral” Waldemar Mendonça. Este professor devotado que foi o militante de uma causa artística pelos pequeninos artistas e espectadores.

## Referências

- ALVES, Ivia. **A Dramaturga Amélia Rodrigues**. Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufba.br/handle/ri/19092>>. Acesso em: 29 dez. 2024.
- CINEMA Nordisk. **Jornal do Recife**. Recife, 6 jan. 1913. Teatros e Salões. p. 2.
- FERRAZ, Leidson. **Teatro Para Crianças no Recife – 60 anos de história no século XX (Volume 01)**. Recife: Ed. do Autor/FUNCULTURA, 2016.
- GOMES, Sidmar Silveira. Uma revisão do teatro infantil: entre o teatro escolar e o espetáculo de arte. In: **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**. Florianópolis, v. 3, n. 36, p. 484–504, nov/dez 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/15478>>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- GONDIM FILHO, Isaac. Com o Grupo Infantil de Comédias. **Jornal do Commercio**. Recife, 28 nov. 1950. De Teatro. p. 4.
- \_\_\_\_\_. Com o Grupo Infantil de Comédias. **Diario de Pernambuco**. Recife, 21 mar. 1953. Teatro. p. 6.
- J. B. [Júlio Barbosa]. Grupo Infantil de Comédias. **Diario de Pernambuco**. Recife, 23 mai. 1948. Teatro. p. 5.
- PAUTA** do Teatro de Santa Isabel. Recife, vs.1942-1954 e 1955-1969.
- PONTES, Joel. **O Teatro Moderno em Pernambuco**. São Paulo: Buriti, 1966.
- THEATRO Infantil. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 12 jun. 1905. Bibliografia. p. 3.
- TREZE anos do Grupo Infantil de Comédias. **Folha da Manhã Matutina**. Recife, 6 mai. 1954. Os Espetáculos-As Artes/Teatro. p. 11.